

Filantropia republicana: José Carlos Rodrigues e a herança para assistência materno-infantil na cidade do Rio de Janeiro.

Bárbara Damasco¹

Esta análise é parte integrante de um projeto de pesquisa que estuda a filantropia no Brasil nas primeiras décadas do século XX a partir do estudo dos principais benfeitores à saúde na cidade do Rio de Janeiro, durante a Primeira República. Pretende investigar a relação da elite com a Misericórdia no que diz respeito a manutenção de hospitais. O projeto é fundamentado, principalmente, nos benfeitores do Hospital José Carlos Rodrigues (1909), mantido pela Irmandade da Misericórdia, criado neste período, e destinado ao público infantil. Aqui será caracterizada a trajetória benemerita do próprio José Carlos Rodrigues.

A Policlínica das Crianças que inicialmente seria um hospital, mas que em virtude da escassez de recursos e também pelo perfil de uma policlínica assim foi feita, foi criada no início do século XX, para tratar exclusivamente das crianças da cidade do Rio de Janeiro, que até o momento não contavam com um hospital dedicado a elas na cidade. O Hospital das Crianças da Santa Casa da Misericórdia foi iniciativa de dois grandes benfeitores: o suíço Albert Bach, que deixou bens para essa obra de caridade e José Carlos Rodrigues, que em 1903 era mordomo do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, estando assim ligado as ações da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Para construção da Policlínica foi comprado pelo

¹ Bárbara Damasco é mestranda no Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, participante do programa de bolsas Fiocruz.

Orientador: Luiz Otávio Ferreira

E-mail: barbara_damasco@yahoo.com.br

benemérito o terreno para construção, os materiais e foi providenciado o projeto arquitetônico

Para aquele fim comprara ele a espaçosa e bela chácara da rua Marquez de Abrantes nº20, que doou e foi incorporada ao patrimônio da Santa Casa da Misericórdia por escritura de 16 de julho daquele ano 1903. [...]

[...]e em janeiro de 1907 foi contratada a construção, fornecido esses materiais pelo doador, com os projetos arquitetônicos o Senhor Antonio Jannuzzi & Filhos[...] (Arquivo do IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues, notação: 585-1).

José Carlos Rodrigues era um “típico” herdeiro da sociedade do século XIX², além de mordomo do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, era proprietário e diretor do principal veículo de comunicação do país no período, o *Jornal do Commercio*. A atuação política desse importante membro da elite carioca pode ser observada no seguinte fragmento: “é – me sumamente agradável levar ao conhecimento de V. Ex. um mimo em reconhecimento dos altos serviços prestados por V. Ex. à causa do comercio na questão das taxas do porto.” (Arquivo do IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues, notação: 585-1). Com relação ao mimo que lhe foi dado, José Carlos Rodrigues escreveu a Edward G. Hime dentre outras coisas:

Se, porém, insistem em provar a sua benevolência, permita-me dizer-lhe que um mimo, para ser-me agradável, poderia tomar a forma de uma dádiva para a construção do novo Hospital de Crianças da Santa Casa da Misericórdia, que fundei, e para o qual construí a Policlínica que já tantos serviços vai prestando às crianças pobres da cidade. (Arquivo do IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues, notação: 585-1).

O pedido de José Carlos para que o mimo fosse convertido para a obra do internato do hospital foi aceito. A lista de subscrição pública conta com setenta e sete

² José Carlos Rodrigues era herdeiro da aristocracia agrária e foi educado por uma tia de estirpe e hábitos fidalgos. Ele era bacharel de formação. CARDIM, E. José Carlos Rodrigues: sua vida e obra. *Revista do IHGB*, 185: 128.

firmas comerciais, em um universo de noventa inscritos. Esse número de empresas filantropas é certamente uma surpresa, elas superam 80% da listagem, o que me leva a crer que sem essas empresas a obra estaria comprometida. A lista de subscrição é uma espécie de aglomerado de membros da elite carioca, que se dissolvem em suas distintas camadas, seja no âmbito social, econômico ou político. Ver anexo .

E é neste momento que este documento se torna único, ele conta com a lista dos subscritores, ou seja, aqueles que contribuíram para o mimo estão listados. Para nossa surpresa a listagem não era exatamente o que esperávamos, por assim dizer, porque ao imaginarmos esta listagem o que nos vinha a cabeça eram os nomes mais recorrentes da sociedade carioca do momento, muitos deles estavam lá, porém os doadores das maiores quantias não eram exatamente pessoas, digo, não eram a pessoa física os maiores doadores desta obra eram pessoas jurídicas, empresas, companhias, bancos etc. Diversos setores, estavam representados.

Com o advento dessas empresas uma busca paralela foi desempenhada, nós precisávamos descobrir os homens por trás dessas empresas, e fomos buscar essas personagens. O caminho escolhido por nós foi a busca no acervo da Junta Comercial, no Arquivo Nacional, onde buscamos nos registros dos contratos sociais os nomes desses homens. Afinal o estudo que nos propomos realizar é prosopográfico precisávamos identificá-los para definirmos minimamente este grupo, a medida que esses integrantes caracterizam o grupo do qual fazem parte.

Mais uma vez José Carlos Rodrigues se faz presente, mas dessa vez ele aparece com a síntese do grupo ao qual ele pertencia. Ele não só foi um benemérito de grande importância para a sociedade carioca da Primeira República, como no nosso trabalho assume um papel de destaque já que foi o principal benfeitor de um dos hospitais estudados por nós o Hospital José Carlos Rodrigues (Policlínica do Hospital

das Crianças). Ele é uma espécie de síntese do benfeitor da sociedade daquele momento, ele é o espelho do grupo ao pertencimento, evidentemente a cada qual cabem as suas especificidades. Um homem muito respeitado pelas suas ações notadamente preocupadas com o bem estar social e melhoria das condições de vida dos menos favorecidos, um homem muito influente também por ser proprietário do maior meio de comunicação existente na época, ou seja, o jornal de maior circulação no país. Ocupou também cargo de mordomo do Hospital Geral. Logo se trata de uma pessoa notoriamente importante, e atuante em múltiplas esferas desta sociedade.

O primeiro olhar me causou estranheza, mas um olhar mais cuidadoso e a apuração dos nomes dos homens por trás das empresas tornam as informações menos turvas. Todavia, antes dessa investida em busca desses homens “camuflados” nessas instituições, já é possível observar essas figuras nas instituições formais que legitimavam a elite, como por exemplo Antônio Januzzi arquiteto e empreiteiro poderoso, freqüentava o Club dos Diários(NEEDELL,199:96) e esteve fortemente envolvido na criação da Avenida Central, não é por simples acaso que o projeto arquitetônico da Policlínica das crianças ficou por conta de Antônio Januzzi & Filhos, ele é encontrado em um caderno com os registros da contabilidade da construção do hospital, no qual é imensamente citado por J. C. Rodrigues – em que o próprio J. C. Rodrigues intitula-o: “Custo da construção do Hospital para as crianças” - que ele mantinha relativo aos gastos com a construção. (Arquivo do IHGB, Coleção José Carlos Rodrigues, notação: DL 584-20)

Os membros da elite tinham suas instituições legitimadoras, nelas dialogavam e travavam suas redes de relações. Dentre esses clubes sociais estão: O Cassino Fluminense, o Club dos diários e o Teatro Ópera. Outro exemplo é Edward George Hime, que é quem informa J. C. Rodrigues a respeito do mimo que a ele foi oferecido

pelo comércio, uma das empresas que compõe a listagem de subscrição é Hime & Cia da qual ele é sócio, a família Hime estava ligada ao Cassino Fluminense, visto que Elkim Hime que era importador foi membro dessa instituição(NEEDELL,199:96) .

A investigação da listagem amplia ainda mais o horizonte, o grande número de empresas do ramo de importação surpreende, bem como um número elevado de estrangeiros como sócios dessas instituições. Seria essa ação filantrópica, que foi impulsionada pelo ato de J. C. Rodrigues, uma tentativa de se legitimar perante essa sociedade? Bem, certamente essa atitude acelerava esse processo, a Irmandade da Misericórdia era nessa sociedade uma das instituições mais respeitadas, seus membros estavam diluídos na sociedade. A apuração das listagens vem de encontro a essa interpretação, que percebe o vínculo com a Irmandade como um elemento que conferia *status*.

Retomando o documento anteriormente mencionado, nossos esforços acontecem em prol da busca das personagens que as empresas ocultam. Algumas sabemos que não poderemos identificar, como no caso dos bancos que na nossa lista são especificamente 6, os listados, e desses apenas um não é de origem estrangeira.

Foram também subscritores da construção do Hospital algumas das grandes companhias presentes na cidade, em grande parte as companhias com os serviços fundamentais para o funcionamento da cidade, como companhias de navegação de energia, dentre outras, mas mais uma vez vale mencionar que dentre as nove companhias existentes em nossa listagem cinco eram estrangeiras.

Das firmas existentes na nossa listagem, treze foram identificadas, e com essas informações é possível chegarmos a algumas conclusões. Como por exemplo, que a maioria dos estrangeiros que contribuíram tinham como produto negociado por suas

firmas o café, e a maioria deles é de portugueses. Essa informação nos dá mais um importante dado, a atuação dos cafeicultores neste setor também.

Dentre os sócios das empresas doadoras, existem nobres o que ratifica a idéia de que a boa sociedade estava ligada a Irmandade da Misericórdia, visto que englobava variados setores sócias, como também uma categoria tão representativa quanto os nobres, no que tange essa lógica das classes.

Existia também por parte da elite intelectual o esforço para retirar qualquer sinal de atraso que o passado “tradição” representava, sendo que existia o empenho para a incorporação do novo que era tido como o progresso. Somadas às ações de associação as instituições filantrópicas estavam atitudes ligadas ao cotidiano, gestos esses que representavam a busca dessa sociedade por características mais aristocráticas, que poderiam ser observadas também nas roupas que usavam e na maneira de vestir dos seus integrantes.

A análise das fontes relativas ao Hospital José Carlos Rodrigues demonstra que os membros vinculados a Irmandade da Misericórdia, por meio dessa instituição, estavam dissolvidos nos variados setores sociais. Tal grupo abarcava diferentes áreas de atuação desde os membros da sociedade carioca, que compunham a elite intelectual carioca, até bancos e companhias internacionais, não deixando de salientar a considerável presença de estrangeiros. Os membros se relacionavam na medida em compartilhavam interesses. Nessa sociedade saber manejar os códigos sociais(NEEDELL,199:96), representava grande possibilidade de êxito.

Podemos ainda afirmar a participação de representantes de diversos dos setores da sociedade compunham a elite. Desta forma e elite dos benfeitores se mostra variada, no que diz respeito a origem dos seus recursos e eficiente do que tange a amplitude de suas ações.

Resguardadas as referidas proporções, a elite do Rio de Janeiro que vivia “A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque”(SEVCENKO,2003:35) , ou seja, estava em meio a um grupo que passava por mudanças estruturais sensíveis buscou nela mesma alternativas para atenuar os problemas aos quais os menos favorecidos estavam submetidos. E esses atores localizados no topo da hierarquia social, estavam unidos por valores comuns e crenças que compartilhavam. No que tange o relacionamento dos membros do grupo aqui analisado com os demais integrantes da sociedade, eles aconteciam no bojo dos interesses, negócios ou algo que valha em comum.

Referências bibliográficas:

ABREU, Laurinda. *Memória da alma e do corpo: a Misericórdia de Setúbal na modernidade*. Setúbal: Palimage; 1999.

CHARTIER, Roger. “A visão do historiador modernista” IN: FERREIRA, Marieta de Moraes et AMADO, Janaina (orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV; 5ª. ed.; 2002.

HEINZ, Flávio M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2006.

LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Biografia. Rio de Janeiro; São Paulo: Ed. Record,1999.

LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia” IN: FERREIRA, Marieta de Moraes et AMADO, Janaina (orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV; 5ª. ed.; 2002.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro, na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PAIVA, Ataulpho de. *Justiça e Assistência*. Rio de Janeiro: Typ. Do Jornal do Commercio; 1916.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas/ João do Rio; organização Raúl Antelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANGLARD, Gisele. *Entre os salões e o laboratório: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro – 1920-1940*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

SANGLARD, Gisele. “A Primeira República e a constituição de uma rede hospitalar no Rio de Janeiro” In: PORTO, A. ET AL. *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico – Rio de Janeiro (1808 -1958)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras ; 2^a. ed.;2003.

STONE, Lawrence. *The past and the present revisited*. Londres/New York: Routledge; 1987

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *Experiências da prática associativa no Brasil (1860-1880)*. In: Topoi, v.9,n.16, jan.-jun. 2008, p.117-136.